


PRISCILA DÓREA*

Em meio ao isolamento, imposto pela pandemia do novo coronavírus, as pessoas estão repensando seu espaço, sua casa e o modo como podem morar de uma forma melhor. E isso irá refletir diretamente na arquitetura e engenharia no momento pós-pandemia. Estruturas, espaços de uso coletivo, de uso individual e até mesmo serviços oferecidos dentro do condomínio. Com o comportamento revisado e uma nova ideia de lar ideal, os clientes e a pandemia estão fazendo arquitetos e engenheiros repensarem as moradias do futuro.

“As palavras que melhor podem sintetizar, neste primeiro momento, o início das mudanças são flexibilidade e conectividade. A casa precisará ser flexível para assumir diferentes composições e usos, assim como deve permitir o usufruto das facilidades e conexões sociais que a tecnologia 5G, a caminho dos lares brasileiros, passa a permitir em larga escala”, afirma Adriano Mascarenhas, arquiteto e sócio-fundador do escritório Sotero Arquitetos.

As questões sanitárias realçadas pela Covid-19, de acordo com o arquiteto, vão resgatar demandas esquecidas relacionadas à tecnologia construtiva, em aspectos como o conforto ambiental — mais iluminação e ventilação natural, boa acústica e eficiente controle de temperatura —, e o uso de novos materiais de acabamento de baixa manutenção e facilidade de higienização, com a diminuição excessiva dos ambientes dos apartamentos, por exemplo, podendo ser revistas. “O espaço de home office é o primeiro grande impacto visto no layout demandado pelos moradores, assim como o retorno do vestíbulo agregado a um lavabo. Entrar em um apartamento, por exemplo, significará, num primeiro ato, se desvencilhar das impurezas dos calçados e das mãos”, explica.

Contexto geográfico

Adriano acredita que a leitura de determinadas mudanças deve ser feita de acordo com o contexto geográfico, “e Salvador possui uma das maiores taxas de densidade populacional dentre as capitais brasileiras, o que significa que morar numa casa será lidar com o afastamento do seu centro antigo”. O morador terá que medir o impacto nos deslocamentos e acesso a determinadas infraestruturas, que, mesmo em tempo de comunicação virtual plena, deve ser levado em conta.

Ele explica que se criou neste momento um paradoxo entre um mundo que caminhava na direção da cidade compacta, de baixo consumo energético e ambiental, versus este novo cenário que pode ir ao encontro do espraiamento da mancha urbana através da mancha urbana em casas, desejável num contexto de isolamento sanitário mais frequente. “Penso que o nosso desafio será conceber uma terceira via da urbe, pautada na lógica da eficiência energética em densidade equilibrada, fazendo parte de um cenário ambientalmente acolhedor”, acrescenta.

Já Gilcinéa Barbosa da Conceição, presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU) da Bahia, alerta, no entanto, que a maioria das grandes metrópoles brasileiras tem muitas carências e segregação socioespacial. “No caso de Salvador, pensamos na situação das moradias nos diversos bairros da periferia. E, com esta visão, chamo a atenção para a necessidade da Athis (Assistência Técnica para Habitação de Inte-

COVID-19 Isolamento, imposto pelo vírus, vai causar impacto na arquitetura das moradias futuras

Casas terão características diferentes após a pandemia

Bruno Aziz



“A moradia hoje se tornou um elemento de reflexão para a sociedade”

GILCINÉA DA CONCEIÇÃO, do CAU



Ana Paula Couto / Divulgação

“Pós-pandemia acredito que voltaremos a repensar a ‘distribuição’ de espaços”

THAÍS LINS, engenheira



MRV / Divulgação

resse Social) e para a necessidade de prover esses bairros da infraestrutura necessária para que o morar possa ocorrer com todos os objetivos atendidos”. E para além das questões de inovação tecnológica, ela explica que existe, de forma geral, a necessidade de estar bem em casa; e desenvolver todas as ações com a segurança e a privacidade necessárias requer atenção.

“A varanda, por exemplo, que nas últimas décadas tinha como característica incorporar as atividades internas da habitação, atualmente está se tornando um elemento de conexão com o exterior”, explica. Através delas, hoje temos contato com o vizinho que antes não conhecíamos e estabelecemos relações de convivência e de vizinhança a uma distância segura. O planejamento das relações familiares será melhor pensado, e, a partir disso, muitas ideias surgirão,

“isso porque a moradia hoje se tornou um elemento de reflexão para a sociedade”, diz Gilcinéa.

A tendência, afirma a engenheira civil da MRV Thaís Assunção Accioly Lins, é que os espaços privativos compactos e as áreas comuns amplas tenham seus papéis invertidos. “No futuro pós-pandemia acredito que voltaremos a repensar essa ‘distribuição’ de espaços, e a tendência é que as construtoras optem por unidades residenciais maiores e espaços comuns mais reduzidos”. Algumas formas de se adequar a essa nova realidade, exemplifica, é incluir nas plantas a opção de ‘gabinete’ (presente nas edificações mais antigas, que pode ser utilizado como escritório, um espaço de ginástica, sala de TV ou até mesmo como brinquedotecas.

“O importante é entender que o perfil dos clientes irá mudar de acordo com as no-

vas necessidades que já vêm acontecendo, e será preciso que os novos projetos acompanhem essas novas tendências que irão surgir”, explica Thaís. Muitos buscarão adotar soluções focadas na sustentabilidade, economia e boas práticas, afirma Giesi Nascimento dos Santos Filho, analista técnico do Crea-BA, engenheiro civil e arquiteto.

As pessoas vão trabalhar mais em casa, e será preciso pensar em espaços multiúso. “A construção civil deverá enfrentar grandes desafios para atender à nova demanda do mercado, em uma sociedade em transformação, principalmente agora, e de maneira mais rápida. O mercado já se adequava aos novos arranjos familiares, mas haverá uma antecipação com as mudanças comportamentais”, alerta Giesi.

*SOB A SUPERVISÃO DA EDITORA CASSANDRA BARTELO